
Notas Bibliográficas

HAHN, Udo: *Rechtfertigung*, Gütersloh: Gütersloher, 2001. 62 pp., 18,8 X 11,5 cm. Coleção Gütersloher Taschenbücher, 687, Grundbegriffe Christentum. ISBN 3-579-00687-8.

Livro didático, bem escrito, provocante, traduzindo o tema tradicional da justificação para a mente de hoje. Baseia-se, quase a modo de comentário, sobre a Declaração conjunta da Igreja Católica Romana e da União Mundial Luterana sobre a Doutrina da Justificação, firmada em Augsburg no dia 31 de outubro de 1999, 469 anos depois da “Confessio Augustana”.

Uma primeira parte, muito breve, ocupa-se com os sentidos da palavra “justificação” no alemão corrente para daí mostrar a atualidade da questão teológica da justificação, aparentemente tão distante da mentalidade de hoje.

A segunda parte, mais longa, começa abordando o tema da justificação no Antigo e Novo Testamentos, na experiência e teologia de Lutero. Depois reproduz o texto da Declaração conjunta, ajuntando breves comentários.

O A. explica a natureza do consenso obtido. Não foi a neutralização das diferenças, mas um “consenso diferenciado”. Isso significa que a declaração abraça uma compreensão comum da justificação numa unidade de linguagem. As condenações recíprocas devem ser entendidas doravante como doutrinas que não se excluem mutuamente. A confissão comum leva a que se renunciem condenações de ambos os lados. As oposições, que ainda permanecem, são entendidas como desenvolvimentos diferenciados. O que dividia as Igrejas perde sua força de separação. A finalidade não é uma unidade uniforme, mas uma unidade na qual as remanescentes diferenças já não têm o caráter de separação. Se não se atém ao método do “consenso diferenciado”, acaba sendo um diálogo em que no final um dos parceiros renuncia sua identidade e se liga ao outro. Tal consenso diferenciado é a única possibilidade para um processo em que ambos os parceiros participem e haja progresso ecumênico. Esta reflexão sobre o consenso diferenciado é a intuição mais rica do pequeno livro.

A terceira parte tira algumas conseqüências da doutrina da justificação para a vida existencial do cristão numa sociedade tão oposta à gratuidade, elemento fundamental da teologia da justificação.

Denso, breve, existencial, atualizado. Leitura fácil e agradável. Não perde nada em profundidade.

JBL

DREWERMANN, Eugen: *Wozu Religion? Sinnfindung in Zeiten der Gier nach Macht und Geld: Im Gespräch mit Jürgen Hoeren*. Freiburg, Basel, Wien, Herder, 2001, 2ª ed., 224 pp. 22 X 14,5 cm. ISBN 3-451-27189-3.

O livro nasce de uma entrevista. Feito em forma de perguntas e respostas. Vale pelos dois lados. Tanto as perguntas como as respostas são inteligentes, agudas e provocantes. Drewermann mostra enorme cultura e erudição, tratando dos mais diversos temas com muita competência. Assume posições muito avançadas, freqüentemente em oposição às oficiais do magistério pontifício da Igreja, especialmente no que toca ao mundo da procriação. O povoamento descontrolado da Terra e a nova concepção evolucionista do cosmo e do homem pedem uma revisão da política da procriação e uma releitura das narrações do Gênesis. Nesse contexto trata dos mitos da criação, presentes em outras tradições religiosas.

Apesar de o título referir-se à religião, os temas vão muito além. A religião tem seu lugar. Várias vezes retoma o tema: sua necessidade, seu caráter vital, sua origem, sua relação com as ciências naturais, sua nova maneira de ser concebida, etc.

Preocupa-se muito com a maneira de os humanos se relacionarem com os animais. Assume a posição, hoje muito em voga na Alemanha, de questionar a criação de animais para o corte. Vê nessa atitude de domínio e de fria tecnologia um dos sinais da desumanização atual.

Percorre o livro um olhar psicanalítico na interpretação da religião, de Deus, de outros problemas. Aprofunda questões bem atuais da bioética, mostrando bom nível de conhecimento das ciências da vida.

Enfim, um livro de uma pessoa culta, aberta, audaz em suas afirmações, sem compromisso institucional com as posições oficiais da Igreja católica.

JBL

LAMBERT, Dominique: *Ciências e teologia*. Figuras de um diálogo. Tradução do francês por Nadyr de Salles Penteado, São Paulo: Loyola, 2002, 183 pp., 23 X 16 cm. ISBN 85-15-02298-2

Felicitos as Edições Loyola pela tradução dessa excelente obra. Já fizemos uma revisão sobre ela quando de sua publicação em francês na PT 32 (2000) n. 86, p. 95-98. Lá realçávamos as principais qualidades do texto. Além de abordar uma questão de relevância, o A. o fez com muita clareza, didaticidade, profundidade e exatidão. Vale sobretudo pelo rigor metodológico e epistemológico, trabalhando a relação entre Ciências e Teologia nos diferentes níveis ontológico, epistemológico e ético. Vale a pena aproveitar a sua publicação em português para recomendá-lo aos alunos que queiram aprofundar essa questão.

JBL

CLIFFORD, Ross / JOHNSON, Philip: *Jesus and the Gods of the New Age: Communicating Christ in Today's Spiritual Supermarket*, Oxford: Lion Publishing pic, 2001. 224pp. 19,5 X 13 cm. ISBN 0-7459-5060-4.

Os autores são cristãos evangélicos da Austrália. O livro não é um estudo teórico de pesquisa sobre a Nova Era. Nasce de um contato de mais de uma década dos autores com pessoas que pertencem ao mundo da Nova Era, e que estão em busca. Sua originalidade vem de dois lados. Primeiro numa atitude de escuta, os autores captam os anseios, aspirações, perguntas, dúvidas dessas pessoas por meio de longas entrevistas. Seleccionam umas 15 entrevistas para trabalhar ao longo do texto. Em seguida, confrontam tais experiências com a fé cristã em diálogo aberto. O livro tem um caráter de tomada de posição cristã diante dos testemunhos analisados.

É um novo tipo de apologética. Nada de condenação prévia. Tenta-se superar qualquer preconceito para encontrar desarmadamente a realidade dessas pessoas. Só depois é que se diz uma palavra evangélica. Nesse diálogo com as pessoas da Nova Era, os AA. se apresentam como cristãos comprometidos em diálogo aberto.

O texto não é um trabalho analítico, mas missionário nesse novo sentido. Segue o estilo de estudo de caso. Escolhe as entrevistas conforme os temas que se abordam.

Das múltiplas entrevistas com os adeptos da Nova Era, percebem que existe um fundo comum de perguntas. Num esforço de síntese, formulam as seguintes: como ser a melhor pessoa que posso ser? Como encontrar meu lugar no cosmo? Quem sou afinal de contas e quem poderia tornar-me? Onde encontro alívio para minha ruptura interior? Como conviver com minha doença? Onde encontrar paz? Onde está o cerne do amor e da aceitação? Como posso conectar minha alma com a força divina de toda vida? Que caminho deveria escolher? Que tipo de valores deveria abraçar? Como é que o cosmo em que habito, que parece ter ordem e forma e deveria ser harmonioso, é assim confuso?

Como se vê, são perguntas de sempre. No entanto, tomam maior realce no momento atual de crise e desorientação. Isso explica a busca sôfrega de respostas em universo religioso tão plural.

O livro tem um capítulo introdutório no mundo da Nova Era. Os AA. a vêem como o resultado de muitas correntes: misticismo oriental, consumismo ocidental, ocultismo, movimento de desenvolvimento do potencial humano, hermetismo, teosofia, contra-cultura e pós-modernidade.

Durante o livro, em diálogo com adeptos da Nova Era, os AA. tratam dos seguintes temas: os anjos, revivescência do culto às deusas, mitos e sabedoria, astrologia e zodíaco, psicotécnicas complementares de cura, a unicidade do paradigma cósmico, os anos da vida oculta de Jesus, o poder da mente, experiências próximas da morte, reencarnação e as vidas já vividas no passado, bruxas, meditação, etc.

A temática é amplíssima. Os AA. são extremamente concisos sobre cada ponto. Quase a modo de um dicionário. Comparam os temas com passagens da Escritura que possam lançar luz.

É um livro instrutivo. Vale como fonte de informação a partir de experiências concretas e oferece pistas de confronto com a fé cristã de maneira aberta, atualizada. Tem um cunho bastante autobiográfico a gosto dos saxônicos.

JBL

ROSSI, Luiz Alexandre S.: *Messianismo e modernidade: Repensando o messianismo a partir das vítimas*, São Paulo: Paulus, 2002. 180 pp. 21 x 13,8 cm. ISBN 85-349-1851-1.

Quando um tema parece esgotado, o surgimento de um livro sobre ele desperta a atenção. Já desde o final da década de 60, quando H. Marcuse escreveu “O Fim da Utopia” passando pela tese central de F. Fukuyama anunciando o fim da história, a utopia e ainda mais fortemente o messianismo caíram altamente sob suspeita. Trasladou-se tal temática para o mundo primitivo, atrasado, fazendo parte da era jurássica e sendo considerada entulho a ser removido.

O A. retoma sob outro ângulo essa questão. Em quatro capítulos desenvolve sua tese central. O messianismo, freqüentemente ligado com a utopia, a ponto de até usar ambas palavras juntas em alguns momentos, é estudado sob três aspectos diferentes para no final chegar a um conceito novo. No primeiro capítulo o A. expõe as teses clássicas de que o messianismo é movimento dos dominados. Alimenta-se da situação de opressão em que vivem. A chave de leitura é, portanto, a situação de opressão histórico-social, estrutural de determinado estrato social em dado momento e lugar. O messianismo aspira a uma sociedade diferente em que as carências sejam superadas. Busca, por conseguinte, a transformação das condições básicas, difíceis de extrema penúria em que se vive. E um líder, um messias de credibilidade, encarna o movimento, conduzindo as pessoas para essa nova situação. Com matizes diferentes, os autores estudados comungam com tal perspectiva. Desfilam diante de nossos olhos principalmente cinco autores: Maria Isaura P. de Queiroz, Maurício Vinha de Queiroz, Vitório Lanternari, Roger Bastide e Laís Mourão. De maneira breve, clara e exata, o A. nos reproduz as idéias centrais de cada um deles.

Uma posição menos consensual é exposta no capítulo segundo, seguindo a corrente do grupo de F. Hinkelammert, H. Assmann, Jung Mo Sung e outros. Existe também um messianismo dos dominadores. Não é exclusividade dos dominados. E atualmente o neoliberalismo propõe o messianismo do mercado. Apesar de sua linguagem formalmente secular, esconde um tom religioso, messiânico. Não se trata, naturalmente, de libertar os oprimidos de sua situação de dominação, mas de conduzir o sistema neoliberal a seu pleno desenvolvimento, fomentando cada vez mais a liberdade do mercado. Ele regula a sociedade, causando sacrifícios e exclusões da maioria. Mas isto é culpa dessas massas. Articula uma teoria do sacrificialismo para os dominados e de satisfação para as elites.

Um terceiro capítulo repensa ambos os anteriores em nível epistemológico e mostra como a utopia/messianismo é uma categoria para compreenderem-se a realidade e a intervenção sobre ela. O título do capítulo é expressivo: “a utopia como processo constitutivo do conhecimento”. Acrescente-se: “da realidade social, de sua transformação”.

Termina o livro com uma reformulação do conceito de messianismo. Predomina nas leituras messiânicas da realidade a perspectiva de um messias vitorioso. E tal perspectiva leva tanto o messianismo popular à frustração por causa de suas inúmeras derrotas, como o messianismo das elites a um recrudescimento de sua dominação. Só um messias solidário e justo seria resposta. No horizonte está o exemplo de Jesus, analisado no quadro messiânico de Israel de seu tempo. Menciona também o exemplo de Canudos.

Livro sugestivo que questiona teses ancestrais e bem ancoradas. Tem sua novidade e faz pensar. A questão teórica que se levanta é de natureza semântica. Vale a pena modificar um conceito clássico, bem fundamentado, dando-lhe outro significado por meio de análises que não necessariamente o questionam ou seria melhor forjar outro conceito com novo significante? Significado é uso. Quando saímos do uso, fazemos um trabalho original ou desrespeitamos uma regra da lingüística? Fica a pergunta para o leitor. Em todo caso, vale a pena conferir a tese do autor e aprender com ele muitos elementos de análise da realidade da utopia e messianismo.

JBL

GROCHOLEWSKI, Zenon Cardeal: *La Filosofía del Derecho en las enseñanzas de Juan Pablo II y otros escritos*. Tradução do polonês para o espanhol por Bogdan Piotrowski. Bogotá: Temis, 2001. 73 pp., 20,5 X 13,5 cm. ISBN 985-35-0362-2.

O atual Prefeito da Congregação para a Educação Católica, Zenon Card. Grocholewski, nasceu em Bródki, na Polônia, aos 11 de outubro de 1939. Fez seus estudos de filosofia e teologia no Seminário Arquiepiscopal em Poznan, Polônia. Foi ordenado sacerdote aos 26 de maio de 1963. Por três anos trabalhou na paróquia de Cristo Redentor, em Poznan. Em 1966 começou seus estudos de Direito Canônico na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Concluiu o doutorado em 1972, sendo premiado com medalha de ouro. Obteve também o diploma de Advogado Rotal, junto ao Tribunal da Rota Romana. Desde 1972 trabalhou no Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica. Em 1982 foi feito Secretário do mesmo dicastério. Nomeado bispo titular de Agrópolis, foi ordenado pelo Papa João Paulo II em 1983. Aos 15 de novembro de 1999 foi nomeado Prefeito da Congregação para a Educação Católica. Figura entre os primeiros cardeais nomeados no início do terceiro milênio, 2001. Trata-se de um grande personagem do campo do direito, seja pelos cargos que exerce no Vaticano, como pela vasta produção bibliográfica. Tornou-se um dos colaboradores íntimos do atual papa, também polonês. Conclui-se facilmente que reflete com bastante adequação a *mens legislatoris*.

O livro é uma publicação conjunta de três textos de Zenon Cardeal Grocholewski.

O primeiro texto, que dá título ao livro e os outros, 'João Paulo II, legislador' e 'Os elementos específicos da administração da justiça na Igreja', escritos em situações diferentes, embora tratem de temas específicos, interligam-se pela intenção de apresentar a visão antropológica do atual Pontífice, especialmente no campo do direito e da justiça. Com isso, permitem uma compreensão da conjuntura eclesial dos últimos 25 anos, sob o pastoreio de sucessor de Pedro.

O primeiro texto destaca que mesmo não sendo especialista em Direito Canônico, nem muito menos filósofo do direito, o Papa, como antropólogo, traça importantes linhas diretivas para fundamentar o direito. O presente texto apresenta tais elementos do antropólogo Wojtila para pensar o direito de um modo geral. Não só o direito eclesial, mas, especialmente, o direito leigo, estatal, civil.

O segundo texto se refere de modo mais específico ao Direito Canônico. Nas conclusões deste trabalho, seu autor sublinha que não basta a filosofia do direito, mas que também é indispensável, em se tratando de direito eclesial, a teologia do direito, ou seja, é necessário levar em conta a Revelação de Deus aos homens.

O terceiro texto trata dos organismos da justiça e seus procedimentos, enfocados do ponto de vista da "indagação séria da verdade", para facilitar ao leitor a compreensão do objeto e os traços característicos dos processos canônicos. Uma vez mais, fica evidenciada a tese de que a administração da justiça na Igreja se realiza, inseparavelmente, no serviço da salvação e do Mistério da Igreja.

Trata-se de ótimo material - o conjunto dos textos - para visão introdutória da mentalidade do atual legislador (*mens legislatoris*). Conhecer essa "mente" é um dos requisitos para compreensão das leis na Igreja (c. 17 do Código Latino e c. 1499 do Código Oriental).

RNS

BONHOEFFER, Dietrich: *Die Antwort auf unsere Frage. Gedanken zur Bibel*, Hrg. von Manfred Weber, Gütersloh, Gütersloher Verlagshaus, 2002, p. 96, 21 x 14 cm. ISBN 3-579-02332-2

É uma seleção de textos do teólogo protestante e mártir do nazismo D. Bonhoeffer. Sendo de quem é, toda seleção é bem-vinda. É um dos homens que iluminou com sua fé e escritos a escuridão da Alemanha nazista. Os textos expressam reflexões do A. sobre a Bíblia e o confronto com ela no contexto em que ele viveu, mas que conservam atualidade para nós hoje.

"A Bíblia é um livro sem o qual não se entende nada", frase que reflete a convicção profunda de Bonhoeffer. "Eu creio, que só a Bíblia é a resposta para todas as nossas perguntas, e que basta perguntarmos persistente e humildemente para recebermos dela a resposta". É outra convicção que atravessa os escritos do A. As fontes do livro são diversas: cartas, meditações, interpretações, pregações, aulas, trabalhos de seminário. Ora fáceis, ora mais difíceis. O editor introduz os textos com breves palavras, mas suficientes para o leitor entendê-los melhor. Há textos bem autobiográficos. Revelam o coração ardoroso e sincero do pastor. É um homem de fé e de enorme autenticidade que rejeita qualquer interpretação da Escritura que seja uma acomodação covarde

aos ouvidos modernos. Articula na leitura da Escritura, os métodos científicos e o encontro na fé com Deus. Provoca uma leitura que se deixa questionar pela Escritura. Os textos são carregados de existencialidade. Profundos. Apesar da distância no tempo, são atuais. Conjuga a boa exegese com a força profética da Escritura. Serve como meditação, oração e aprofundamento da Palavra de Deus. Oferece intuições proveitosas para a vida pessoal e para pregação. De lá nasceram muitos dos seus escritos.

JBL

Frei BETTO: *Os dois irmãos*: Versão atualizada da Parábola do Filho Pródigo, do evangelho de Lucas 15, 11 a 32. São Paulo: Salesiana, 2001, 29 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-87997-56-4.

Frei BETTO: *A mulher samaritana*: Versão atualizada do relato evangélico de João 4, 1 a 42. São Paulo: Salesiana, 2001, 28 pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-87997-53-X.

Frei BETTO: *A mula de Balaão*: Versão atualizada do episódio da Bíblia contado em Números, capítulos 22 a 24. São Paulo: Salesiana, 2001, 56pp., 21 x 14 cm. ISBN 85-87997-55-6.

Três jóias literárias que atualizam relatos bíblicos. Lê-se com prazer estético e religioso. As palavras da Bíblia soam atuais, bonitas e, sobretudo, questionadoras. O A. ensina-nos como recontar a Escritura para os dias de hoje. Na pós-modernidade apregoar a morte da metanarrativa, valoriza, porém, sobremaneira a pequena narrativa. Frei Betto responde a tal reclamo.

A narrativa “Os dois irmãos” reatualiza para um mundo em que a cidade e o campo significam dois universos culturais diferentes na parábola do filho pródigo. Se, de um lado, a cidade propicia o desmando do filho mais jovem, a cultura religiosa do campo, de outro, enrijeceu o filho mais velho no seu ritualismo interesseiro. A estória termina com a conversão dos dois, tocados pela misericórdia do pai.

“A mula de Balaão” retoma idéias trabalhadas pela teologia da libertação numa linguagem simples, narrativa. A opção de Deus pelos pobres está no centro. A fidelidade profética a este Deus triunfa sobre a sedução do poder. Lê-se nas entrelinhas a estória da força perversora e corruptora do poder. Lição mais que atual.

“A mulher samaritana” trabalha a questão dos preconceitos religiosos e morais e a posição de abertura e misericórdia de Jesus. Cada narrativa revela uma tese fundamental para nossa cultura atual, sem distorcer o sentido último da passagem bíblica. Trata-se de uma aula prática de hermenêutica, sem precisar usar a palavra e os aparatos científicos. Para a pregação de hoje está aí uma lição de como superar a monotonia sem inspiração de tantas homilias repetitivas.

JBL

BENZI Guido: *Paolo e il suo vangelo*. Brescia: Queriniana, 2001. 172 pp., 21 X 13,5 cm. Coleção Interpretare la Bibbia oggi, 2.5. ISBN 88-399-2464-7.

O A. é formado pelo Pontificio Istituto Biblico de Roma, membro da Associazione Biblisti Italiani e autor de vários artigos em revistas especializadas. Desde 1998 é diretor do Ufficio Catechistico Regionale della Emilia Romagna, Itália.

Seu trabalho não é para especialistas na matéria; é orientado para a pastoral bíblica tal como entendida na Itália; porém pede algum preparo e instrução religiosa. Para os interessados em leituras mais profundas, indica a bibliografia bíblica italiana mais recente; porém os autores não italianos, e que dão passos mais avançados nos estudos paulinos, são minimamente mencionados. Não se encontra aqui, por exemplo, referência aos questionamentos históricos e teológicos de J. Murphy-O'Connor em seus estudos recentes sobre S. Paulo, ou, menos ainda, aos de E. P. Sanders. Esta ausência de algum modo diminui o valor da obra, porque mesmo quando se trata de um trabalho orientado para a pastoral bíblica direta não se pode deixar os leitores na ignorância do que é mais recente e questionante nos estudos paulinos.

Seu trabalho se divide em três partes. O primeiro capítulo trata do contexto histórico e cultural do tempo de S. Paulo. Aqui o A. lembra o problema de fundo para o estudo da cronologia e teologia paulinas: quais são suas fontes e qual valor cada uma delas deve receber por parte do pesquisador. Como todos os estudiosos de S. Paulo o A. reconhece como fontes da teologia paulina os escritos paulinos autênticos e o livro dos Atos dos Apóstolos. Sua tendência é atribuir grande importância ao livro dos Atos, embora reconheça suas limitações em relação aos autênticos escritos paulinos. Provavelmente tal postura se deve ao desejo de não complicar para seus leitores este estudo que por si é complexo; de fato o A. não espera que seus leitores tenham questionamentos maiores. Assim simplesmente adota o esquema das viagens paulinas tal como estruturadas por Lucas em Atos. É de seu parecer que Lucas foi conhecido e companheiro de missão de S. Paulo, fato que hoje é posto em dúvida por alguns especialistas, dado que Lucas não demonstra conhecer as cartas paulinas e sim outras fontes de que se serve. Certamente o A. não ignora os estudos mais recentes sobre S. Paulo, porque em certas passagens demonstra estar informado sobre eles, embora não os cite nem em rodapé nem na bibliografia final. Tal como se encontra, feitas estas observações, o texto do capítulo primeiro de sua obra continua instrutivo para o público ao qual se destina.

O segundo capítulo é sobre o Evangelho de S. Paulo. Parte dos três relatos de Atos sobre a conversão de S. Paulo e passa em seguida para os dados dos escritos paulinos. Ainda nesta parte apresenta uma descrição dos pregadores antigos, cristãos e filósofos não-cristãos; apresenta também uma breve visão sobre os diversos escritos paulinos. Em seguida descreve o que “evangelho” significa para S. Paulo, que foi um dos primeiros a se utilizar deste termo, dado que os Evangelhos ainda não tinham sido escritos. Termina explicando o que S. Paulo entende pela expressão “meu evangelho”.

O terceiro capítulo é uma *lectio cursiva* de 1Ts. Aqui o A. simplesmente comenta passo a passo o texto de 1Ts, aplicando-o espiritualmente e moralmente, sem ter em vista um público específico, mas o mais vasto possível. Não é esta a parte mais rica do livro.

Como um todo esta obra é interessante, enquanto introdutória, para quem deseja conhecer um pouco mais sobre S. Paulo, para se informar sobre bons estudos recentes, mesmo que com certa limitação. A obra não é complicada, sua leitura é fácil, rápida e agradável. Não é uma obra para especialistas, mas útil a estudantes de teologia. Leigos engajados nas diferentes pastorais comunitárias encontrarão aqui uma motivação maior para a leitura dos textos paulinos.

VM

VAN DE WEYER, Robert: *Islam and the West: A New Political and Religious Order post September 11*. Alresford: O Books, 2001, 105 p., 23 x 15 cm. ISBN 1-903816-14-9.

É um livro sobre o Islã depois dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001. O A. tem trabalhado durante 20 anos como professor de economia política e é ministro de uma igreja dedicada à unidade de todas as religiões. Este background do A. marca fortemente o conteúdo do livro, tanto no aspecto expositivo quanto nas suas críticas e propostas.

Propõe-se responder a quatro perguntas: Por que eles (os muçulmanos) nos odeiam? Estuda-se neste capítulo o conflito entre o Islã e o Ocidente. É possível um mútuo respeito? Reflete-se sobre o Islã e o Ocidente em harmonia. Que podemos fazer politicamente? Propõe uma política de paz. Que podemos fazer religiosamente? Propõe uma religião de paz.

Na primeira parte, com dados históricos sucintos, claros e didáticos desenvolve as façanhas do Império Árabe, as Cruzadas, o Império Otomano, o Imperialismo ocidental, o surgimento da militância islâmica, o sionismo e o legado desta história. O A. é muito equilibrado e sereno ao expor a controvérsia fundamental entre o Islã e o Ocidente. Mostra bom conhecimento histórico, embora seja extremamente sucinto, não entrando em maiores considerações e discussões de opiniões. Assume uma linha média. O leitor consegue adquirir por esse capítulo uma intelecção para o conflito atual. Desfaz muitos vieses ideológicos da atual imprensa que põe sobre um terrorismo fátuo toda a explicação dos atentados de 11 de setembro, desconhecendo raízes históricas.

Na segunda parte, vê a outra face da relação Islã e Ocidente. Mostra como o Islã tem raízes cristãs, relata momentos históricos de excelente relação e compreensão mútua. Na Idade Média, a filosofia e a teologia cristãs devem muito a autores árabes. Nomes como Avicena e Averroes são muito conhecidos pelos filósofos e teólogos. Nas ciências, na matemática e na medicina, a influência positiva da cultura árabe sobre o Ocidente é inegável. Quanto à própria

concepção da guerra, a posição do Corão não diverge da de Santo Agostinho, embora seja altamente improvável que Maomé tenha ouvido falar de Santo Agostinho. Mas discutiu a questão da guerra com cristãos que refletiam a doutrina comum agostiniana.

Depois de duas partes analíticas, o A. passa para os aspectos propositivos. Defende uma política de paz em forte contraste com a atual conduzida pelo Ocidente. Insiste numa revisão profunda do capitalismo, advogando uma vida mais simples, sóbria, menos consumista no mundo rico para que as riquezas alcancem a todos. Só num clima de justiça e maior igualdade social se encontrará resposta para uma convivência pacífica entre os povos.

No campo religioso, o A. assume uma posição bem crítica a respeito da religião enquanto instituição que defende dogmas e disciplina. Advoga o que na linguagem do diálogo inter-religioso se chama “pluralismo”. Chama-o de “religião de paz”, cuja base é a liberdade religiosa. A liberdade religiosa permitirá que a sabedoria e os símbolos religiosos circulem por todo mundo livremente e as pessoas possam escolhê-los conforme sua vontade.

Embora algumas afirmações teológicas entrem em choque com o ensinamento oficial da Igreja, não deixa de ser importante confrontar com eles para que adquiramos maior clareza. O A. é claramente contra a dogmatização da religião em verdades e credos. Vê aí uma fonte de violência. É um alerta sério, embora não se supere simplesmente tal problema negando a importância das verdades e credos, mas entendendo-os diferentemente.

Pelo valor didático, simples, de iniciação, o livro ajuda o leitor a situar-se na atual conjuntura no duplo nível de análise e de propostas.

JBL